

Cultura e forma de ser juvenil

Por Paulo Denisar Fraga

Para se compreender a relevância da relação entre a juventude e a cultura, não basta tomar esse tema de forma externa ou, dizer, simplesmente, que a juventude é uma das mais contundentes portadoras das variadas expressões da cultura. Para além disso, o importante é tentar apreender, ainda que de forma geral, o binômio juventude-cultura na sua imanência interna, ou seja, na própria compreensão do modo de ser da juventude na sociedade moderno-contemporânea (ou tardo-capitalista).

Num estudo intitulado 1968... ou de como a besta deveio imaginação, o grupo de pesquisa especializado em juventude, chamado JENSCET (hoje Movimiento por la Utopia), estabeleceu a tese de que a melhor forma para se compreender o comportamento do indivíduo na sociedade capitalista é pelo conflito profundo entre o desenvolvimento do potencial criativo versus os bloqueios do sistema, sejam estes de ordem material-externa ou moral-interna.

Muito diferente de ser apenas um "estado de espírito", "representação estanque de uma faixa etária", ou um "mal que se cura com o tempo", a juventude é o momento da vida em que se dá com maior intensidade esse conflito, que interfere diretamente nas escolhas e na definição da identidade individual e coletiva das pessoas.

O problema de grande parte dos teóricos que trataram sobre a juventude consiste ou em vê-la de forma singular (como se houvesse uma única juventude) ou em não conseguir explicar como se dá a constituição-diferenciamento de suas várias identidades.

A juventude é o momento em que o futuro da vida está sendo decidido, em que são tomadas as grandes decisões. E, se a juventude caracteriza-se pelo pico do conflito entre potencial criativo versus bloqueios, então essas decisões e escolhas se dão sob forte tensão e sob a figura da angústia.

Albert Camus mostrou que a saída do homem moderno angustiado é a revolta - o que pode adquirir dimensões sociais explosivas. Mas essa "revolta" não precisa ser de caráter político. Pode ser a mais despolitizada possível. Na verdade, ela é a busca de uma nova forma de reconhecimento, alternativa àquelas que o sistema bloqueou, àquelas que, diga-se assim, eram vinculadas ao que John Lennon chamou de "sonho". É a partir disso que a juventude vai se identificar pluralmente em diversas formas de reconhecimento: na religião, no modismo consumista, nas comunidades alternativas, nos esportes, na política, nas drogas, na violência, na apatia e no suicídio, na música e nas artes e, portanto, também, nas expressões mais propriamente denominadas como cultura.

Ao contrário do juízo ingênuo e instrumental de uma certa esquerda, é socialmente superficial, historicamente falso e politicamente equivocado identificar a juventude com o progressismo. Ainda que os jovens tenham sido sujeitos marcantes em muitos eventos importantes da esquerda, não é possível ignorar que, na Alemanha, a juventude nazista era, no tempo do grande Partido Social-Democrata Alemão, de Kautsky e Rosa Luxemburgo, muito mais numerosa do que a juventude socialista. Assim como não é possível ignorar os diversos grupos juvenis, dos skin-heads aos carecas do ABC, que reencontraram na violência a forma bárbara da diversão.

Contra a visão de que a juventude é algo quase "naturalmente" progressista - que bastaria a esquerda agitar as suas bandeiras para obter sua adesão -, o melhor entendimento, sobre esse aspecto particular da formação ideológica juvenil, é o de Karl Mannheim, para quem "a juventude não é nem progressista, nem conservadora. É uma enorme potencialidade em disputa". E é neste sentido que a cultura se investe de enorme valor na definição do modo de ser da juventude, em sua visão de mundo e em sua práxis social e política. Sobretudo, nos tempos em que o "novo irracionalismo brasileiro", denunciado por Sérgio Paulo Rouanet, externa o desprezo dos jovens pela cultura erudita, pela teoria e pela filosofia, pela música, pela literatura e pelas artes, numa anticultura alienada/estranhada, que se alimenta narcisicamente atrás de um microcomputador e no consumismo mercadológico irrefletido.

Enquanto a direita prega, a seu modo, o fim da ideologia (não como Daniel Bell, que o fez teoricamente, mas como postura tacanha e rebaixada para disfarçar o caráter de sua própria ideologia - o da dissimulação fragmentária do saber e da desmobilização social), as organizações de esquerda e os setores sociais progressistas têm, em contrapartida, uma tarefa iluminista, qual seja, a da retomada do valor do conhecimento, da relação dialética afirmativa entre as culturas popular e erudita e, assim, do espírito crítico como um todo. Sem cair no subjetivismo axiológico dos que querem mudar o mundo pregando éticas universais abstratas (espécie de desencargo de consciência moral), trata-se de apostar na formação intelectual da juventude, elemento importante para o que Gramsci chamou de luta contra-hegemônica, de idéias e valores, sim, mas enraizada na vida real das lutas sociais entre as classes, que hoje não podem mais ignorar a luta ecológica, étnica e de gênero. Lutas estas, entretanto, que só encontram sentido radical se vinculadas ao projeto de uma luta mais geral que arremeta "para além do capital", como propõe Mézáros.

Um filme como *Trainspotting*: sem limites mostra de como um jovem pode resolver o seu conflito profundo (potencial criativo versus barreiras do sistema) sendo absorvido pelo próprio sistema, fazendo valer a fórmula de que da própria besta pode devir a imaginação ("A imaginação no poder!" era um dos lemas do Maio de 1968). Assim, a relevância histórica do trato do binômio juventude-cultura está em saber se a resolução do que se chamou aqui de luta por um novo reconhecimento se dará (re)canalizando as energias das rebeldias juvenis em favor do próprio sistema, ou se se converterá em necessidades radicais, as quais, como disse Ágnes Heller lendo Marx, constituem uma demanda cuja exigência qualitativa não pode ser satisfeita nos marcos da sociedade capitalista.

Paulo Denisar Fraga é Professor do Departamento de Filosofia e Psicologia da Unijuí, RS. E-mail: denisar@unijui.tche.br